

Um Mito do Tráfico Marítimo e das Desventuras da Ambição. *O Navio Fantasma, ou o Holandês Voador*

A Myth of Maritime Traffic and the Misadventures of Ambition.
The Phantom Ship or the Flying Dutchman

Carlos Jorge Figueiredo Jorge
Universidade de Évora
cjfjorge@gmail.com
Data de receção: 2-07-18
Data de aceitação: 21-09-2018

Resumo

O romance do Capitão Frederick Marryat, *Phantom Ship* (1839), é, talvez, o texto que mais longamente desenrola o conjunto de acontecimentos, peripécias e catástrofes que são conhecidos, segundo uma configuração quase sempre mítico-lendária, pelo nome de *Navio Fantasma* ou sob a designação de *Holandês Voador*. O mais interessante aspecto que o romance de Marryatt tem, no entanto, reside, não tanto na sua dimensão literária, que, para alguns gostos mais exigentes, quanto à grandeza e aceitabilidade canónicas, até era *fraca*, como no facto de, permanentemente, cruzar os valores culturais assentes nas ideologias religiosas, nacionais e políticas da época referida. Não obstante a reserva dos críticos, a aceitação popular foi grande, como era costume, na época, em obras que se integravam, quer no género temático conhecido como “romance marítimo”, quer nos modelos a sugerirem o sobrenatural do gótico (que é, aliás, enfatizado no subtítulo, bem *paratextual* ou *peritextual* do livro – *Gothic Novel*, o qual é omitido em algumas edições da obra). Embora a óptica seja a de um marinheiro inglês, com fortes indícios dos valores democráticos, liberais e esclarecidos, o universo dos litígios e confrontos que nele transparece muito se assemelha àquele que já tínhamos encontrado na *História Trágico-Marítima* de Bernardo Gomes de Brito. A compreensão dos valores da época em referência na diegese do romance nada fica a dever aos que se patenteiam nas narrativas coligidas e reescritas pelo autor português setecentista.

Palavras-chave: lendas marítimas – cobiça expansionista – imaginário gótico.

Abstract

The captain Frederick Marryat novel the *Phantom Ship* (1839) is, perhaps, the text were, more at length, takes place the set of events, adventures and disasters, which are known, according to a configuration almost always legendary-mythical by the name of *Ship Ghost* or as the *Flying Dutchman*. The most interesting aspect that the romance of Marryatt has, however, lies not so much in its literary dimension, which, for some more demanding tastes regarding the canonical magnitude and acceptability, was weak, as that permanently it crosses the cultural values based on religious, national and political ideologies of the time referred to. Notwithstanding, the reservation of critics, popular acceptance was great, as was the custom at the time, in works that was either known as "maritime novel, as much as those in the models suggesting the supernatural Gothic (that is, in fact, emphasized in the subtitle, *peritextualy* or *paratextualy* - *Gothic Novel*, which is omitted in some editions of the work). Although in the optics of an English sailor, with strong indications of democratic values, liberal and enlightened, the universe of disputes and confrontations that transpires, is very similar to the one we found in the *Tragic-Maritime Story* by Bernardo Gomes de Brito. The understanding of the values of the time reference in the diegesis of romance, has the same value patent in the collected and rewritten narratives by the Portuguese 18th century author.

Keywords: maritime legends – expansionist greed – Gothic imagery.

O romance do Capitão Frederick Marryat,¹ *Phantom Ship* (1839), é, talvez, o texto que mais longamente desenrola o conjunto de acontecimentos, peripécias e catástrofes que são conhecidos, segundo uma configuração quase sempre mítico-lendária, pelo nome de *Navio Fantasma* ou sob a designação de *Holandês Voador*. Os registos narrativos escritos mais antigas datam, segundo as referências

¹ Marryat, "Julho 10, 1792 – Agosto 9, 1848, foi um escritor inglês, contemporâneo e conhecido de Charles Dickens, notável, na sua época e ainda hoje, na sua pátria, como autor de "histórias do mar" ou *romances marítimos*. Cf <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marryat>. Para uma versão mais alongada ver a congénere inglesa em https://en.wikipedia.org/wiki/Frederick_Marryat (cons. 25/5/2018).

que temos conseguido consultar, de finais do século XVIII, embora os factos conhecidos através das narrativas registadas dos mitos se reportem a um século antes. No entanto, existem afirmações em contrário, em registos da lenda.²

As mais célebres referências culturais ao mito, no conjunto das grandes obras canonizadas, e mesmo entronizadas, entre a produção artística ocidental, são, sem dúvida, a Ópera de Wagner, *Der fliegende Holländer* (*O Holandês Voador*) datada de 1843, primeira obra do autor/compositor e, ainda que menos directamente, o longo poema narrativo de Samuel Taylor Coleridge, “The Rime of the Ancient Mariner”, publicado nas suas *Lyrical Ballades*, em 1798.³

O mais interessante aspecto que o romance de Marryatt tem, no entanto, reside, não tanto na sua dimensão literária, que, para alguns gostos mais exigentes quanto à grandeza dos cânones ou dos seus

² Para abreviar, sobre referências que carecem de confirmação segura citamos, do texto de Jardel Leite in <http://www.portalentretextos.com.br/materia/avistamentos-do-navio-fantasma-holandes>, 4254 consultado em 25 de Maio de 2018: “Holandês Voador é um lendário navio-fantasma holandês que vagará pelos mares até o fim dos tempos. Em antigos documentos, pode-se encontrar registro de um navio real que zarpou de Amsterdão em 1680 e foi alcançado por uma tempestade no Cabo da Boa Esperança. Como o capitão insistiu em dobrar o cabo, foi condenado a vagar para sempre pelos mares, atraindo outros navios e, por fim, causando sua destruição. Vários relatos sobre o tal navio foram considerados miragens, embora haja uma grande variedade de detalhes descritos pelas testemunhas. No entanto não é o primeiro mito destas águas, depois do Adamastor descrito por Camões nos *Lusíadas*. Existem histórias que citam o capitão de um navio que, ao atravessar uma tempestade, foi visitado por Nossa Senhora, que atendia às preces dos marinheiros desesperados. Culpando-a pelo infortúnio, atacou a imagem (ou amaldiçoou-a), atraindo para si a maldição de continuar vagando pelos sete mares até o fim dos tempos”. É claro que seria interessante conhecer os documentos aqui aludidos. Como isso nos afastaria muito dos objectivos do presente trabalho, apresentamos, para abreviar, estas referências, que no fornece Brian Dunning, em <https://skeptoid.com/episodes/4427> (cons. 25/5/2018): “1641: Sea captain Hendrik Van der Decken was lost at sea under circumstances lost to history. 1678: Bernard Fokke made the fastest transit for the Dutch East India Company, possibly earning a nickname. 1795: Author George Barrington first wrote of a ghost ship referred to by sailors as the Flying Dutchman. 1839: Author Frederick Marryat wrote a novel that drew heavily on the theme of the ghost ship and the cursed captain named Vanderdecken. 1840: Wagner composed *Der fliegende Holländer*, guaranteeing that the idea of the Flying Dutchman would forever be a popular theme”. Curiosamente, pode verificar-se que a “lenda” do Navio Fantasma propriamente dita começa a ser construída literária e artisticamente no mesmo século em que os folhetins de cordel são reescritos e ordenados numa unidade de vocação literária chamada *História Trágico-Marítima*.

³ Outras obras de referência cultural importante, ainda que menor, são arroladas, criteriosamente, no site já acima citado https://en.wikipedia.org/wiki/Flying_Dutchman (cons. 25/5/2018).

limites, até era *fraca*, como no facto de permanentemente cruzar os valores culturais assentes nas ideologias religiosas, nacionais e políticas da época referida. Não obstante a reserva dos críticos, a aceitação popular foi grande, como era costume, na época, em obras que se integravam, quer no género temático conhecido como “romance marítimo”, quer nos modelos a sugerirem o sobrenatural do gótico (que é, aliás, enfatizado no subtítulo, bem *paratextual* ou *peritextual* do livro – *Gothic Novel*, o qual é omitido em algumas edições da obra). Embora a óptica seja a de um marinheiro inglês, com fortes indícios dos valores democráticos, liberais e esclarecidos, o universo dos litígios e confrontos que nele transparece muito se assemelha àquele que já tínhamos encontrado na *História Trágico-Marítima* de Bernardo Gomes de Brito. A compreensão dos valores da época em referência na diegese do romance nada fica a dever (antes pelo contrário, talvez, como veremos adiante) aos que se patenteiam nas narrativas coligidas e reescritas pelo autor português setecentista.

Na versão de Marryatt, o *Navio Fantasma* teria sido amaldiçoado, quando o seu comandante, Vanderdecken (às vezes grafado, noutras referências, Hendrik van der Decken⁴), na viagem realizada em 1641, cometeu uma gravíssima falta, de ganância e cobiça, ao passar o cabo das Tormentas (ou da Boa Esperança) com um carregamento de ouro no porão. Nomeadamente, é-lhe atribuída uma blasfémia nunca inteiramente esclarecida, acompanhada por um castigo a um dos seus homens, regressado como morto-vivo, com o nome de Shriften, mas que é designado pelos seus iguais, do navio fantasma, por “piloto”. Esta personagem, que tem a característica fantástica de ressuscitar dos vários naufrágios que, aparentemente, o matam, acusa o pai do jovem herói de o ter assassinado, num roubo

⁴ Na ópera de Wagner, *Der fliegende Holländer* (*O Holandês Voador*) é a designação onomástica da própria personagem que comanda um *Navio Fantasma* (que é o nome pelo qual a obra operática é mais vulgarmente designada, fora da Alemanha), embora a designação em alemão, *Geisterschiff*, para designar o trabalho de Wagner, não seja nada frequente. Pode admitir-se que deliberadamente ele tenha pretendido afastar-se, no trabalho operático, que completou em 1840, de designações de outras obras anteriores, como a de Marryatt, que aqui comentamos, que datava de 1839, ou que pretendeu esquecer o seu próprio fracasso, quando teve que vender o projecto que criara para o *Der fliegende Holländer* à Ópera de Paris também em 1939. O argumento terá sido musicado com o título *Le vaisseau fantôme*, ou *Le maudit des mers* por Pierre -Louis Dietsche, com libreto de Paul Foucher e H. Révoil, de algum modo influenciado pelo livro de Marryatt acima referido e o romance de Walter Scott, *The Pirate* (1822).

de fúria autoritária, quando pretendia forçar a tripulação a dobrar o Cabo. É ele que está, eventualmente, na origem da maldição que persegue o comandante do *Holandês Voador*, conhecido e frequentemente designado por “Navio Fantasma”.

A versão dos eventos mais completa é feita pela aparição fantasmagórica do pai do herói que, numa noite de tempestade, surge à esposa, que tinha ficado na Holanda, aguardando ansiosamente o seu regresso da viagem que tinha sido planeada como a última que iria fazer, e da qual esperava obter grandes proventos. Narra-lhe então os terríveis acontecimentos que terão levado ao naufrágio do navio, nomeadamente como era forte a tempestade que contrariava o avanço do navio, a sua *ânsia* – senão mesmo *ganância* – de levar avante o seu percurso *comercial*, e o despotismo e violência com que tratou a tripulação, nomeadamente o *piloto*, que lançou pela amurada num gesto mais arrebatado. Nessa visita deixou à esposa uma carta que esta nunca abriu, mas cuja existência revelou ao filho, quando lhe narrou a ocorrência em que, numa amálgama do extraordinário e do onírico, o defunto lhe apareceu, contando-lhe uma história *viva voce* e entregando-lhe uma mensagem escrita *em carta*.

Após a morte da mãe, martirizada pelos desgostos da vida e da miséria, o filho entra num quarto que esta mantinha fechado, encontra, neste, uma pequena fortuna em dinheiro e objectos valiosos e a carta que a mãe, por medo, nunca abriu. Nesta, o pai, identificando-se como o capitão Vanderdecken, declara que cometeu uma série de actos que o perderam mas, sobretudo, cometeu a ofensa suprema de desafiar a potestade no Cabo das Tormentas:

When I recovered I found myself on the couch, and perceived that a cold (O how cold!) and dripping hand was clasped in mine. This reassured me, and I forgot the supernatural signs which accompanied his appearance. I imagined that he had been unfortunate, and had returned home. I opened my eyes, and beheld my loved husband and threw myself into his arms. His clothes were saturated with the rain: I felt as if I had embraced ice--but nothing can check the warmth of a woman's love, Philip. He received my caresses, but he caressed not again: he spoke not, but looked thoughtful and unhappy. 'William--William,' cried I! 'speak, Vanderdecken, speak to your dear Catherine.' "'I will,' replied he, solemnly, 'for my time is short.' "'No, no, you must not go to sea again: you have lost your vessel, but you are safe. Have I not you again? "'Alas! no--be not alarmed, but listen, for my time is short. I have not lost my vessel, Catherine, BUT I HAVE LOST!!! Make no

reply, but listen; I am not dead, nor yet am I alive. I hover between this world and the world of Spirits. Mark me. For nine weeks did I try to force my passage against the elements round the stormy Cape, but without success; and I swore terribly. For nine weeks more did I carry sail against the adverse winds and currents, and yet could gain no ground; and then I blasphemed, –ay, terribly blasphemed. Yet still I persevered. –The pilot opposed me, and persuaded the men to bind me, and in the excess of my fury, when he took me by the collar, I struck at him; he reeled; and, with the sudden lurch of the vessel, he fell overboard, and sank. Even this fearful death did not restrain me; and I swore by the fragment of the Holy Cross, preserved in that relic now hanging round your neck, that I would gain my point in defiance of storm and seas, of lightning, of heaven, or of hell, even if I should beat about until the Day of Judgment (2018: 10 [17]).⁵

O objecto redentor em causa, colocado ao peito da mulher amada, é uma relíquia, que irá funcionar como uma espécie de *talismã* que capacitará o portador para agir em estado de excepção face às contingências da natureza e da espécie (o filho, herói, Philip Vanderdecken, adquire um superpoder de sobrevivência nas mais nefastas condições). Embora não seja designado directamente para a *demand*a e o conjunto de feitos que esta exige, a sua qualificação revela-se quando toma a decisão de partir para missão, como ousado peregrino, após ter lido a mensagem do pai:

To Catherine. One of those pitying spirits whose eyes rain tears for mortal crimes has been permitted to inform me by what means alone my dreadful doom may be averted. " Could I but receive on the deck of my own ship the holy relic upon which I swore the fatal oath, kiss it in all humility, and shed one tear of deep contrition on the sacred wood, I then might rest in peace. How this may be effected, or by whom so fatal a task will be undertaken, I know not. O Catherine, we have a son—but, no, no, let him not hear of me. Pray for me, and now, farewell. "I. Vanderdecken (2018: 24 [39]).

Pelo que se deixa perceber nestes dois excertos, o nome do capitão, atribuído por Marryat, é Vanderdecken, e o primeiro nome parece ser William. No entanto, outro nome lhe é atribuído, quase no final da narrativa, quando o filho, pela *capacidade* e *poderes* que lhe deram a relíquia talismânica e a *qualificação* pela peregrinação

⁵ Para mais fácil consulta do eventual leitor, colocamos, entre parêntesis rectos, os números de página da edição online indicada na bibliografia.

realizada em *demanda*, entra no navio amaldiçoado e pergunta pelo capitão. Aí, este surge nomeado pelo filho, pelo nome próprio que também é atribuído a este, Philip:

"What is all this?" inquired the captain.

"Are you Philip Vanderdecken, the captain of this vessel?"

"I am, sir," replied the other.

"You appear not to know me! But how can you? you saw me but when I was only three years old; yet may you remember a letter which you gave to your wife." (2018: 247 [432]).

A questão dos nomes não seria suficientemente importante para colocar logo no início da nossa abordagem ao tema se este não se tivesse diversificado com a dispersão da lenda. E esta questão da dispersão não seria digna de registo tão destacado no nosso trabalho caso ela não se revelasse sintoma de uma moderna intensificação fantasiosa, na margem, já, do *gosto pelas efabulações de mistério fantástico*, mais ou menos marcadas pela atitude poética da *narrativa gótica*, e não um mito totalmente forjado na época que é referida como aquela em que os factos extraordinários se passaram. De algum modo, as navegações de apropriação, pilhagem e musculada actividade mercantil do século XVII, começaram a ser evocadas como matéria para a produção de diegeses ou universos ficcionais carregados de imaginários espantosos e terríficos, como os universos senhoriais da Idade Média e sobretudo do século XVI serviam de cenários para a matéria gótica de que Ann Radcliffe foi a grande mestre.

Assim o nome do filho, atribuído, no final do romance, ao próprio pai, parece inverter a ordem das transmissões, que, normalmente, é a designação do filho pelo nome completo do pai, e atribui ao filho o poder de usar o seu nome próprio como parte da expressão patronímica. Se, antes, no acto de imposição do nome e reconhecimento do recém-nascido pelo pai, Philip poderia ser designado por *William Vanderdecken, filho*, no final, no rito de passagem para a morte, é o pai que transporta aquilo a que podemos chamar, como inverso do *patrónimo*, a *filiação* (como "*filiónimo*"), sendo designado por *Philip Vanderdecken, pai*.

Com esse "baptismo" para a morte, evidentemente, ele não lhe dá acesso à vida enquanto ser humano socializado, culturalizado, mas dá-lhe, sim, o direito a reintegrar-se harmoniosamente no processo cósmico, desintegrando-se, junto com a tripulação e o Navio

Fantasma, no lugar que lhes era atribuído: o dos mortos e o dos destroços naufragados. E como o filho é o agente mandatado desse acto de regeneração pela potestade transcendente, é arrastado com os *já mortos, há muito*, para o lugar que lhe foi destinado, na eternidade, fora deste mundo contemporâneo de sofrimentos. Estamos aqui perante um acto de *passagem* profundamente ritualizado, que se poderia expressar, quase, nos termos de Eliade:

No que diz respeito à morte os ritos são tanto mais complexos quanto se trata não somente de um «fenómeno natural» (a vida – ou a alma – abandona o corpo) mas também de uma mudança de regime ao mesmo tempo ontológico e social: o defunto deve afrontar certas provas que interessam o seu destino *post mortem*, mas deve também ser reconhecido pela comunidade dos mortos e aceite entre eles (s/d [1960?]: 192-193).

Como já se vê agora, e será mais profundamente abordado adiante, grande parte desta narrativa, e da matéria lendária em que ela assenta, é relativa à imensa peregrinação, ou mesmo demanda, para conseguir uma segunda oportunidade a um conjunto de seres amaldiçoados, com a pena de se arrastarem ao cimo da terra, ou melhor, ao cimo das ondas, por vezes quase *voando*, entre o céu e a terra.

Em grande parte, esta narrativa baseia-se na rivalidade imperial que, desde o século XVI, mas com o seu auge no século seguinte, opôs Portugal e as nações que competiam com o seu expansionismo a Oriente, a saber, a Inglaterra e a Holanda, sob pretextos, muitas vezes bem explícitos, de inimizade ideológica assente nos credos professados. Embora com projectos políticos diferentes, muitas vezes antagónicos, a Espanha nunca aparece como potência hostil nos relatos mais conhecidos das navegações portuguesas. Para reduzir, de modo abarcável, o nosso universo de referências, tomamos como modelo, sobretudo, a *História Trágico-Marítima* e, complementarmente, a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. O surto da pirataria francesa, inglesa e holandesa durante o século XVI e XVII, nos mares que Portugal e Espanha reclamavam como seus, segundo o princípio que virá a ser designado por *Mare Clausum*, são a demonstração cabal de que o comércio, a guerra e a pirataria não podiam dissociar-se, numa expansão económica que ainda não encontrara um princípio que a ordenasse. Princípio que não poderia nascer, já se vê, sem todas as forças em presença se terem desenvolvido e confrontado até poderem estabelecer demarcações, fronteiras e espaços de exercício do poder.

Um dos mais antigos documentos sobre a matéria, que consagra os direitos portugueses, é a Bula *Romanus Pontifex*, datada de 1454, a qual reconhece a soberania da Coroa portuguesa na costa meridional do continente africano. Na concessão feita, a pedido de Afonso V, pelo papa Nicolau V, surgem alguns fundamentos que começam a criar princípios básicos a partir dos quais, posteriormente, a legitimidade busca assentar: a prioridade da descoberta, a luta contra os infiéis e o esforço de evangelização dos gentios. Fica esclarecido, no mesmo documento, que, sem a autorização expressa do rei de Portugal e do infante D. Henrique, nenhum barco poderia aventurar-se pelos mares descobertos pelos Portugueses. Pouco depois, é concedido – por uma nova bula, de 1456, esta de Calixto III — ao monarca português o direito aos mares confinantes às terras habitadas pelos “Índios”. Alargava-se, deste modo, o direito ao mar por descobrir (Guerreiro, 1997: 62) – o que criava uma margem aleatória de apropriação que nenhuma regra restringia. Não podendo fazer o inventário dos acontecimentos e acções violentas originadas por uma tal legalização, digamos apenas que, para pôr fim ao conflito armado em seguida desencadeado entre a coroa portuguesa e a espanhola, o papa Alexandre VI traçou, através de duas bulas emitidas em 1493, a partilha do mundo em dois hemisférios, sendo cada um deles atribuído respectivamente a Portugal e a Espanha. Embora os monarcas se tenham posto de acordo quanto aos aspectos gerais do Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494, os últimos acertos só são concluídos em 1529, no Tratado de Saragoça, entre D. João III e Carlos V.

Tal monumento jurídico, a que não falta alguma monstruosidade pela ambição e gigantismo, vinha culminar, a favor de duas únicas nações, uma tradição a que algumas bases de legislação deram fundamento, pela regulamentação que se ia praticando na Europa desde o século XIII – instituindo regras pelas reivindicações que se codificavam em convénios, tratados ou mesmo na aceitação tácita dos direitos reivindicados sobre os mares adjacentes (Guerreiro, 1997:64). Por essa tradição, começam a delinear-se os princípios do que viria a ser conceptualizado, cerca de um século mais tarde, no dealbar do século XVII, sob a designação de *Mare Clausum*. O termo surge para nomear o conjunto de princípios que se opunham às teses, expressas pelo texto elaborado por uma jurista holandês, Grócio, que defendiam os princípios do *Mare Liberum* (in *De Indis*, 1609). É interessante notar, no entanto, que a formulação do *Mare Clausum* não é portuguesa nem espanhola (embora as teses de Grócio tenham

sido rebatidas, igualmente, em 1625, por um português, Frei Serafim de Freitas, no tratado *De Justo Imperio Lusitanorum Asiatico*), mas sim inglesa, desenvolvida por John Seldon a mando de Carlos I.⁶ Por esse meio, o monarca britânico reclamava como seus os mares que, através do corso, os seus súbditos tinham extraído ao domínio espanhol – e, eventualmente, português.

Os princípios que eram definidos como os que davam direito de soberania sobre os mares descobertos foram explicitados pelo frade português acima citado do seguinte modo: “os portugueses reclamam que os Holandeses não naveguem para as nossas conquistas, as quais foram alcançadas com tamanho dispêndio de sangue e fazenda, que, se formos a olhar apenas ao lucro temporal, não eram dignas de tão elevado preço” (in Guerreiro, 1997: 196 – cf. Jorge, in 2001: 171-174).⁷

⁶ Dedicado ao rei, publicado em 1635, *Mare clausum* sob o patrocínio real, foi apresentado como um texto oficial com o beneplácito da coroa inglesa. Foi escrito dezasseis ou dezessete anos antes, mas James I proibira sua publicação por motivos políticos. Por essa razão, surgiu um quarto de século após o texto de Grotius, “*Mare liberum*”, do qual pretendia ser uma refutação.

⁷ Será interessante confrontar a nossa síntese com uma versão reduzida da que o próprio Marryate apresenta para contextualizar a primeira viagem do seu herói, nas rotas comerciais holandesas para as “Índias Orientais”: “Chapter VIII, [...] It will be necessary to refresh the memory of our readers by a succinct recapitulation of the circumstances that had directed the enterprise of the Dutch towards the country of the East, which was now proving to them a source of wealth which they considered as inexhaustible [...]. Charles the Fifth, after having possessed the major part of Europe [...], divided his kingdoms between Ferdinand and Philip [...]. and [...] to the latter, he threw the Low Countries, with the few millions vegetating upon them, [...] but this is certain--that in two years he died. Philip thought (as many have thought before and since) that he had a right to do what he pleased with his own. He therefore took away from the Hollanders most of their liberties: to make amends, however, he gave them the Inquisition; but the Dutch grumbled, and Philip, to stop their grumbling, burnt a few of them. Upon which, the Dutch, who are aquatic in their propensities, protested against a religion which was much too warm for their constitutions. In short, heresy made great progress; and the Duke of Alva was despatched with a large army, to prove to the Hollanders that the Inquisition was the very best of all possible arrangements, and that it was infinitely better that a man should be burnt for half-an-hour in this world than for eternity in the next. This slight difference of opinion was the occasion of a war, which lasted about eight years, and which, after having saved some hundreds of thousands the trouble of dying in their beds, at length ended in the Seven United Provinces being declared independent. Now we must go back again. For a century after Vasco de Gama had discovered the passage round the Cape of Good Hope, the Portuguese were not interfered with by other nations. At last the adventurous spirit of the English nation was roused. The passage to India by the Cape had been claimed by the Portuguese as their sole right, and they defended it by force. For a long time no private company ventured to oppose them, and

Tendo presente este contexto, poderemos avaliar melhor a dimensão ideológica da narrativa e o modo como a sua singularidade poética ou estética, enquanto narrativa, cria padrões de conformidade de vários modelos estruturais, mítico-fabulatórios, por um lado, ético/ideológico-avaliativos, por outro. E isso porque, em grande parte, Marryat é um dos obreiros da conversão de uma matéria mítica relativa à passagem do estreito de Magalhães, com toda a sua novidade já moderna, para a Travessia do Cabo da Boa Esperança, que é também o das Tormentas, passando o *Navio Fantasma*, chamado *Holandês Voador*, a simbolizar e a valer, na dimensão mítica e alegórica, o sistema temático das catástrofes e penas ligadas à ousadia de buscar glória e fama, ou à cobiça das riquezas desejadas.

E a sua obra desdobra o mito, ou melhor, desenrola o tecido da *narrativa*, introduzindo nos temas aparentemente inerentes à *fábula* (Фабюла) ou *história* (na inflexão inovadora que Gennette (1972: 72) introduziu no conceito formalista) da peregrinação terrestre, o percurso da via da aparência e da ganância, o confronto entre religiões, em que cada facção acusa a outra de heresia, de falsa busca ou demanda errónea. Assim, se ouvimos, na maioria das referências, mútuas acusações entre católicos e protestantes (luteranos, calvinistas, anglicanos), este livro tem, como dados iniciais de valorização das personagens e suas habilitações para actos reparadores, antecedentes *narrativizados* por escrito, nomeadamente na nossa *HistóriaTrágico-Marítima*. Na raiz temático-fabulatória a personagem que se constitui, desde as primeiras linhas, como protagonista, herói e actante,

the trade was not of that apparent value to induce any government to embark in a war upon the question. [...] At last they abandoned their endeavours, and resolved no longer to be deterred by the Portuguese pretensions. After one or two unsuccessful expeditions, an armament was fitted out and put under the orders of Drake. [...] During the time that the Dutch were vassals to the crown of Spain, it was their custom to repair to Lisbon for the productions of the East, and afterwards to distribute them through Europe; but when they quarrelled with Philip, they were no longer admitted as retailers of his Indian produce: the consequence was, that, while asserting, and fighting for, their independence, they had also fitted out expeditions to India. They were successful; and in 1602 the various speculators were, by the government, formed into a company, upon the same principles and arrangement as those which had been chartered in England. At the time, therefore, to which we are reverting, the English and Dutch had been trading in the Indian seas for more than fifty years; and the Portuguese had lost nearly all their power, from the alliances and friendships which their rivals had formed with the potentates of the East, who had suffered from the Portuguese avarice and cruelty. [...] Portuguese, English, and Dutch fought and captured each other's vessels without ceremony; and there was no law but that of main force. (2018: 46-48 [81-83]).

fundamentalmente indiciado para uma demanda, é um jovem holandês, católico, residente numa pequena cidade com uma forte comunidade católica, nomeadamente com um clérigo de fidelidade romana e sendo toda a família da personagem fulcral católica. É claro que, sobre o pai do herói impende, para lá da sua fé, uma tensão latente que é a base energética de onde a complicação narrativa jorra e, em grande parte, se desenvolve, como já se vislumbrava nas primeiras citações do romance feitas acima.

As atribuições de Philip Vanderdecken começam, verdadeiramente, com a morte de sua mãe. Por um lado, ela, em situação de moribunda, conta-lhe a desgraçada maldição do pai, revelando-lhe o segredo da relíquia que ela própria trazia ao peito como colar, e a existência da carta de apelo do pai, depositada sobre uma secretária no escritório encerrado desde a sua partida final, fantasmagórica, onde também jazia, intocado, o acervo dos seus bens pecuniários, que eram avultados; por outro lado, pelo comportamento pouco honesto do médico, competentíssimo como profissional mas muito suspeito do ponto de vista ético-religioso, entra em litígio com este.

Resultando desta última peripécia, quando procura reaver a relíquia pendente no peito da mãe, que o médico-curandeiro, no momento em que esta se finou, tinha roubado, e se dirige à casa do ladrão, para lhe exigir que devolva o objecto roubado, conhece, aí, a filha do mesmo, por quem se apaixona perdidamente. Essa paixão vai desencadear uma dupla dimensão na intriga, tornando-a verdadeiramente enleante e enredada em complexos meandros de crença, fidelidade, obsessão, culpa e destruição. Porque, de facto, à já complexa posição de Philip como católico, num universo nacional predominantemente protestante⁸ à época, vem juntar-se a paixão imensa que nutre por uma jovem, filha de um cristão (ou eventualmente, judeu, como fica sugerido nas entrelinhas) que, embarcado muito jovem, é aprisionado durante o ataque de um navio mouro à embarcação holandesa, no Mediterrâneo. Tornando pupilo de um

⁸ Em 1581 (no contexto da Guerra dos Oitenta Anos, durante a luta pela independência que a Espanha finalmente aceitou, em 1648), a revolta holandesa foi parcialmente motivada religiosamente. Aproveitando a Reforma da Reforma Protestante, muitos dos holandeses adotaram o Luteranismo, o Anabatismo, Calvinismo ou tornaram-se Mennonitas, formas de Protestantismo. Após a independência, os Países Baixos adoptaram o Calvinismo como uma quase religião do estado (embora nunca formalmente), mas praticaram um grau de tolerância religiosa em relação aos não calvinistas.

físico/alquimista maometano, é inserido no seu ideário religioso, e no animismo mágico religioso de uma mulher de origem maometana que virá a ser a mãe da sua filha.

No entanto, esta posição, que podia ser embaraçante para Philip, e chega mesmo a ser mais do que isso, revelando-se fatal, no final da história, é a força embrionária de base que acaba por impulsioná-lo para um desfecho positivo da sua missão fundamental, como *peregrino*, que justifica inteiramente a sua passagem pelo mundo ao atingir a finalidade que se propunha: salvar o pai da condenação eterna. O que se desenvolve pelo menos desde o dealbar dos relatos de viagem, como já notávamos a propósito da *Peregrinação*, no texto já aqui referido:

A “hibridez” que Margarido detecta em F. M. P (Margarido, 1977: 175 e 184), é um processo que o leva a assimilar não só os materiais mais evidentemente “práticos” do discurso dos viajantes, mas também os modelos narrativos que, muitas vezes, estavam subjacentes a tais textos e que, não sendo exactamente a superior literatura clássica do “grande cânone”, faziam parte da literatura que, na época, estava mais divulgada: a das demandas cavaleirescas, a dos itinerários “espirituais” e terrestres (2001: 156).

Enquanto viajante e sujeito impotente, ou mesmo objecto manipulado face aos acontecimentos que o arrastam, penando como um peregrino, o narrador autodiegético cria uma nova visão do mundo, formulado e descrito como empiricamente comprovável, que busca exprimir-se pela transformação dos modelos discursivos, moldados desde antigos relatos mais ou menos fantásticos da *hagiografia*. Absorvidos, enquanto modelos dos feitos eticamente exemplares (os *logoi* de que fala Aristóteles) pelos romances de cavalaria que, o viajante que vai à descoberta de um *novo mundo* não pode deixar de utilizar, porque são, por assim dizer, a “gramática textual” que aprendeu, nesses modelos narrativo que Chrétien de Troyes e Thomas Malory, posteriormente, tornaram proeminentes:⁹ juntar a demanda ao percurso aventuroso, percorrer um espaço onde o maravilhoso é possível, forjar as situações surpreendentes a partir de

⁹ Não nos esqueçamos de que o próprio Marco Polo teve como redactor do seu *// Milione* (nome pelo qual foi designada, na versão italiana, a obra que é mundialmente conhecida como *O Livro de Marco Polo*), Rustichello da Pisa, que foi também autor de *Roman de Roi Artus*, fazendo da narrativa do viajante italiano, um texto original em francês (Jorge, 2001:156).

elementos simbólicos oriundos da Bíblia, e movimentar-se, sobretudo, em percursos terrestres, paralelos ou vizinhos dos espaços do quotidiano conhecido. Factos e espaços que são vistos como um lado oculto e fantástico das coisas.

A visão do viajante pós-renascentista, sobretudo o navegador, que encontramos no romance de Marryat, embora usando ordens de valores diferentes, não carece, é certo, da mesma sobreposição de modelos e empenhos. No entanto, estão menos presentes os do documento biográfico, ou o do relato autêntico de viagem, que encontramos na *Peregrinação*, por exemplo, ou em documentos mais officiosos como a *Carta* de Pêro Vaz de Caminha, e aparece, a enredar as malhas do destino, não já à maneira das *mirabilia* medievais, um outro modelo do fantástico.

De facto, o percurso do herói obedece já à formulação muito ao gosto da narrativa gótica oitocentista, sendo o herói perspectivado heterodiegeticamente, através da proliferação dos indícios do sobrenatural como presença obsidiante, mesmo quando não é empiricamente comprovada. É claro que, ao lidar com o lendário do romance marítimo, a inclinação para a *ghost story* foge às regras do gótico mais puro, e permite o arrastar da história para o campo do sobrenatural, para um quadro diegético em que os mortos podem voltar, *de facto*. O que em regra não deve acontecer na *narrativa gótica* ou mesmo no *roman noir* que devem obedecer mais à ilusão e ao estado alucinatório construído *através* das personagens, de que o narrador algo distanciado da diegese dá conta, do que às manifestações do fantasmagórico empiricamente comprovado. O exemplo paradigmático é o de *The Mysteries of Udolfo* de Ann Radcliffe, que Balzac, que muitos consideram o fundador do romance realista, reconhece como sua grande mestra na criação da intriga. (cf. Botting, Fred, 1996; Furtado, Filipe, 1980; Lévy, Maurice, 1995; Praz, Mario, 1977[1966]; Spooner, Catherine, 2006; Todorov, Tzvetan, 1970a e 1970b; Vax, Louis 1979).

Mas o certo é que, nas alucinações marítimas, normalmente, o fenómeno é colectivo e manifesta-se sob condições de *sobre-vivência* extremas, o que permite transformar o acontecimento percebido, mesmo que venha a ser entendido, fora do contexto, como improvável, numa espécie de aceitação da epifania do espectral, do ente ectoplásmico, qualquer coisa sobre a qual se forma a “suspensão da descrença” de que Coleridge falava, mas de um modo muito mais intenso e absoluto.

Logo na primeira viagem, o mecanismo da *aceitação “factual” do extraordinário*, faz-se sentir na persistência da *verdade do fantasma*, em sobreposição à dúvida da sua existência, ou à convicção empírica de ser a *aparição fantástica* um produto da alucinação.

Contudo, a sua afirmação vai-se construindo numa espécie de dispositivo de patamares em que a descrença se vai perdendo. O elemento fundamental dessa construção é a personagem de Shriften, com a qual o herói contacta pouco depois do início da primeira viagem, e que também é designado pelos restantes marinheiros, por “piloto”. No seguimento de uma conversa em que Shriften tem intervenções menos simpáticas relativamente a Philip, nomeadamente hostilizando-o a propósito da relíquia que ele trazia ao pescoço, e que era o talismã fundamental para o bom sucesso da sua demanda, a personagem, pouco simpática e suspeita, tem abertas alusões ao navio que um outro marinheiro acaba por nomear como o *Flying Dutchman* (p. 56).

Assim, não é de espantar que, poucas páginas adiante, estando o barco parado nas proximidades do Cabo da Boa Esperança, por falta de vento, após o reabastecimento em Table Bay,¹⁰ os marinheiros vejam um surpreendente fenómeno:

A confused noise was heard among the seamen [...]“A ship! No-- Yes, it is!” was repeated more than once.

“They think they see a ship,” said Schriften, coming on the poop.

“He! he!”

“Where?”

“There in the gloom!” said the pilot, pointing to the darkest quarter in the horizon, for the sun had set.

The captain, Hillebrant, and Philip directed their eyes to the quarter pointed out, and thought they could perceive something like a vessel. Gradually the gloom seemed to clear away, and a lambent pale blaze to light up that part of the horizon. Not a breath of wind was on the water- the sea was like a mirror- more and more distinct did the vessel appear, till her hull, masts and yards were clearly visible. They looked and rubbed their eyes to help their vision, for scarcely could they believe that which they did see. In the centre of the pale light, which extended about fifteen degrees above the horizon, there was indeed a large ship about three miles distant;

¹⁰ Nas imediações do que é, hoje, Cape Town — “«We are full three degrees to the northward of the Cape», observed Mynheer Kloots, after he had computed his latitude”. — p. 57-58 [100]).

but, although it was a perfect calm, she was to all appearance buffeting in a violent gale, plunging and lifting over a surface that was smooth as glass, now careening to her bearing, then recovering herself. Her topsails and mainsail were furled, and the yards pointed to the wind; she had no sail set, but a close-reefed fore-sail, a storm stay-sail, and trysail abaft. She made little way through the water, but apparently neared them fast, driven down by the force of the gale. Each minute she was plainer to the view. At last, she was seen to wear, and in so doing, before she was brought to the wind on the other tack, she was so close to them that they could distinguish the men on board: they could see the foaming water as it was hurled from her bows [...] and met the one eye of Schriften, who screamed in his ear –“PHILIP VANDERDECKEN –That’s the *Flying Dutchman*.” (2018: 61-62[106-107])¹².

Poderíamos dizer que as imagens com que Gustave Doré ilustrou as estrofes respeitantes ao navio fantasma avistado pelo “velho marinheiro” na *Rime* de Coleridge,¹² se ajustariam quase inteiramente a esta cena de Marryat.

¹² “Ai de mim! (eu pensei, e o peito martelava) / A orla do sol mergulha; fogem as estrelas:

É escuridão total./Num sussurrar distante, sobre o mar dispara/O navio espectral.
Tudo ao redor o ouvido escuta-o/E olhar perpassa!/Em meu peito o temor!

Meu sangue vital sorve, como numa taça,/Apagam-se as estrelas, densa é a escuridão;
Lívida a face do piloto à luz junto ao timão!/Nas velas o orvalho é um suor...

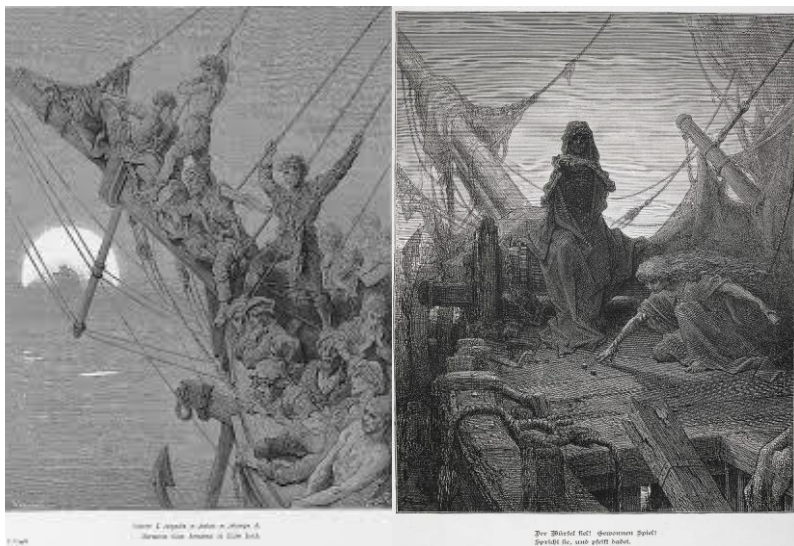
Até que a Lua sobe ao longe no oriente,/Nos cornos envolvendo estrela refulgente
Junto à porta inferior./Um por um, pela Lua que os astros acuum,/Sem tempo de gemer ou suspirar,

Todos viram-me o rosto, com horrenda angústia/E maldição no olhar./O espaço, como ganha!

Seriam suas velas o que ao sol cintila/Como teias de aranha?/O arcabouço talvez – que encerra a luz do Sol Em grades de madeira?/Seria essa Mulher sua tripulação?/Ela seria a MORTE? A MORTE é a companheira?/Ou ambas que lá estão?Seus lábios eram rubros; seu olhar, lascivo;/Sua trança, auri-amarela;/Sua pele, como a lepra, era de um branco forte;/Ela era o próprio Pesadelo VIDA-EM-MORTE./Que o sangue humano gela./Chegou a nua carcaça;/E o par, a jogar dados, fazia desafios;

"É o fim do jogo!" a Mulher diz, "Ganhei! Ganhei!"/E dá três assobios"... Excerto de "Rime of the ancient mariner" de Coleridge, Tradução de Adriano Scandolara. Cf. in https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2561399/mod_resource/content/4/A%20BALAD A%20DO%20VELHO%20MARINHEIRO.pdf

O acesso a este link passou a ser pago. Existe uma versão menos fiável em <https://www.vagalume.com.br/iron-maiden/rime-of-the-ancient-mariner-traducao.html> a partir da adaptação dos Iron Maiden. A versão integral inglesa pode ser lida em <https://www.saylor.org/site/wp-content/uploads/2014/05/ENGL404-Coleridge-The-Rime-of-the-Ancient-Mariner.pdf>



Esta sequência narrativa e todo o cenário da rota do cabo alimenta-nos a convicção de que as lendas de épocas revolutas, mesmo nos meios marítimos e nos diversos patamares de uma cultura a eles adscritos, ganharam, no imaginário sombrio das narrativa góticas ou do romance *noir* francês, pré-romântico e romântico, ou mesmo pós-romântico dos finais do século XVIII e princípios do século XIX, contornos que reformularam e reavaliaram os princípios e códigos éticos das épocas expansionistas e das ocupações coloniais. Dos crimes e malfeitorias dos romances de piratas aos sótãos ou áticos das narrativas de temas, na aparência, predominantemente sentimentais, como é o caso exemplar e paradigmático de *Jane Eyre*, por exemplo, as lendas terríveis reemergiram provenientes da época em que a Europa se tonou uma potência de vários estados, mesmo quando não se entendiam ou se digladiavam por rotas de ouros e preciosidades.

De facto, a narrativa pós-romântica ou mesmo gótica de Marryat retoma aquilo que Cândido de Oliveira Martins apresenta de modo muito sintético, no seu artigo, “História Trágico-Marítima”, para o *Dicionário de Luís de Camões*:

Numa palavra, o espetáculo assustador da dor e da tragédia marítima, verdadeiro grito de *memento mori* barroco, só alcança sentido através de uma visão escatológica e cristã. De acordo com o princípio da edificação moral, nos relatos da História Trágico-

Marítima (ou em crónicas historiográficas coevas) reitera-se esta conceção teológico-moral da existência: a perdição das naus em tremendos naufrágios representava o castigo divino, pois essas embarcações “vão e vêm tão alastradas de pecados» (Diogo do Couto). Deste modo, o mar da tragédia marítima figura metonimicamente as penas do Inferno, como insinuado por Oliveira Martins, ao parafrasear *O Soldado Prático*: “as naus iam e vinham tão alastradas de pecados, que nas tormentas se ouviam falar os demónios claramente” (2011: 12).¹³

Que o romance de Marryat é dos mais completos documentos esclarecedores dos universos lendários construídos, muitas vezes apenas por transmissão oral, poucas dúvidas nos restam. Mesmo a deslocação definitiva do *Holandês Voador*, é com ele que se consolida. Porque, de facto, o que consta em quase todos os tratados e referências enciclopédicas ao mito refere, permanentemente, a origem da lenda ao desaparecimento de Fokke, mas não no Cabo já lendário desde o Adamastor, mas naquele, muito mais problemático, que fica na ponta sul do continente americano e que, de entre os vários navegadores europeus de que constam as crónicas, Magalhães foi o primeiro a atravessar: o Cabo de Horne.

Afastado da armada comercial pelo sistema de ventos e marés, a vogar em águas ameaçadoras na rota do Cabo, o navio onde viaja Philip naufraga, e ele é o único sobrevivente da catástrofe, sendo acolhido pelos hotentotes, que o recebem quase cordialmente e o reconduzem, por terra, ao entreposto holandês de Table Bay, onde o jovem náufrago é albergado pela guarnição e reenviado, numa esquadra que regressava à Europa, para sua casa. No entanto, embora se sentisse encantado por regressar a casa, o jovem sobrevivente sente que, no naufrágio do seu barco e na sua sobrevivência, tinha havido uma intervenção sobrenatural resultante do facto de ele e a tripulação do seu navio terem avistado o *navio fantasma*. A inversão curiosa que se dá, no romance de Marryat relativamente a outra narrativa célebre sobre o naufrágio no Cabo, a saber, a de Sepúlveda, é que o relacionamento com as populações locais é mais pacífico.

¹³ Permite-nos este texto de J. C. O. Martins sintetizar, de modo exemplarmente lapidar, o que é matéria da nossa argumentação e que já estava presente em trabalhos anteriores nossos, referidos na bibliografia.

De facto, recorrendo a palavras de outro,¹⁴ podemos relatar em sumário aquilo que noutro texto, (2001: 103-123) já longamente abordámos. No dia 3 de Fevereiro de 1552, saiu de Cochim (Índia) o galeão São João, comandado por Sepúlveda e recheado de mercadorias locais. Apesar da data tardia para apanhar ventos de feição, o comandante partiu ciente dos riscos e com a esperança que Deus evitasse males maiores para a sua tripulação e, principalmente, para a sua esposa, D. Leonor de Sá, os dois filhos do casal e um outro filho bastardo. Os ventos, porém, não sopravam na direcção desejada e as velas ruins do barco tardavam em levar o galeão ao Cabo da Boa Esperança, o que motivou Sepúlveda a pedir a André Vaz, o piloto, para aproximar o São João da costa, de forma a arribarem em Moçambique. Nessa altura, uma tempestade furiosa partiu ao meio o leme e rasgou as velas da embarcação. No dia 8 de Junho, a ventania e a força das marés começaram a empurrar para terra o desgovernado galeão que só por milagre se aguentou sobre as ondas. Sepúlveda ordenou que uma pequena embarcação fosse à praia mais próxima para descobrir um sítio onde encalhar a embarcação. Após o retorno dos remadores e com a informação de que existiam condições para lançar a âncora, o comandante calculou poder desembarcar toda a gente para terra e recolher as armas e mantimentos. Assim, Sepúlveda, juntamente com a mulher, os filhos e mais vinte homens, alcançaram a praia. Logo a seguir, o vento voltou a soprar com tanta intensidade que três batéis salva vidas se perderam nas águas, arrastando consigo todos os marinheiros que transportavam. Após três dias, o galeão afundou-se no mar, sobrevivendo cerca de 200 portugueses e 300 escravos.

Nada restou para construir uma nova embarcação. Sepúlveda aconselhou-se com os fidalgos e decidiu ficar naquela praia, a aguardar a convalescença dos feridos, preparando a partida por terra para Sofala. Alguns de exaustão, outros devorados pelas feras do mato, foram morrendo pelo caminho. Ao fim de três meses de caminhada, junto a um rio com três braços, a companhia deparou-se com duas aldeias lideradas por um indígena. O bom acolhimento da povoação ajudou na decisão de ali permanecerem durante uma semana. No entanto, ao tentar continuar a marcha a situação foi-se degradando, inclusive a relação com os próprios indígenas que não

¹⁴ Cf. in 21 Abril, 2016, por Gonçalo Sousa: <http://mundodeviagens.com/naufragio-de-sepulveda/> (cons. em 21/6/018).

tinham como alimentar tanta gente e temiam as suas armas de fogo. Todos foram morrendo, tendo Sepúlveda perdido os próprio filhos e a mulher. Mas não há notícias do seu final. Sabendo-se apenas, por informação dos locais, que se terá perdido pelo mato dentro, desaparecendo para sempre.¹⁵

Quase um século e meio depois, Piliph, segundo a ficção de Marryat, terá feito um percurso similar, mas mais feliz. Por exemplo, sabemos que a potestade que o terá salvo do naufrágio atirou para terra o seu baú, o que lhe deu alguma margem para negociações com os autóctones que o acolhem. É facto, também, que no princípio da segunda metade do século XVII, algures entre 1650 e 1660, época em que Piliph terá embarcado para o Oriente, os holandeses já tinham razoáveis feitorias na ponta austral de África, facto a beneficiar a sua peregrinação após o naufrágio. É claro que, enquanto a ocorrência do naufrágio tem uma dimensão bem pormenorizada e realista na narrativa de Gomes de Brito, na de Marryat ela é apenas uma das etapas, quase insignificante e estereotipada, do percurso iniciático que ajudará a salvar o pai.

Uma razão para essa diferença, podemos dizer que reside naquilo a que, aqui, chamaremos o *percurso filológico* do material diegético em causa. De facto, enquanto um é um relato com origem documental no próprio século XVI, como rastreia com cautela a investigadora italiana Giulia Lanciani, o outro é o relato de um mito do qual havia muito breves referências enciclopédicas e uma acumulada ficcionalização por via oral e múltiplas variantes. No entanto, se exceptuarmos a situação gnóstico-transcendental de Philip, na sua demanda, podemos dizer, seguindo a estudiosa italiana, na análise que faz dos textos portugueses referidos, especialmente o do naufrágio de Sepúlveda, que, em ambas as narrativas “o exotismo fantástico” ou, pelo menos, *extraordinário*, pelos universos de distância e diferença que apresenta, relativamente aos seus leitores, “adapta-se à difusão, na colectividade”, europeia mas também americana, a partir de finais do século XVIII, “de uma percepção cada vez mais concreta da nova realidade e das suas efectivas dimensões” (Lanciani 1979: 54-55).

¹⁵ Já que estamos a referir lendas de viagens, naufrágios, ganância e descoberta de “eldorados”, não poderia ser ele, na sua *reencarnação ficcional*, que Rider Haggard designou por José Silvestre, apresentando-o como o explorador português do século XVI que desenhou o mapa do caminho para as minas, que Alain Quatermain usa em *King Solomon's Mines*?

No entanto, toda a matéria fortemente ideológica das diferenças religiosas que, nas histórias de confrontos entre potências navegantes nos séculos de referência (XVI e XVII, principalmente), fervilhavam e dinamizavam o espírito das batalhas, ganham uma ressonância muito mais lata e reflectida em Marryat do que nos textos que Gomes de Brito recolheu e remanejou. De algum modo, o combate naval, o confronto armado, está quase ausente na narrativa do inglês. Mas os meandros e pormenores das crenças em presença reforçam-se, sobretudo aquelas que Marryat pretende submeter à sua jurisdição crítica, de um ponto de vista liberal e democrático: o animismo primitivo, que parece dominar completamente a jovem e bela esposa de Philip, e o catolicismo, activo e intolerante, num crescendo que tem o seu ápice na penúltima grande sequência da história, revelando-se ferozmente fanático, com a sua prática da Inquisição.

Na continuação da demanda de Philip, este volta a embarcar, com muita relutância por deixar a esposa segunda vez, mas, mesmo assim, reassume aquela que considera ser a sua missão incontornável sobre a terra: salvar o pai da danação eterna. Amina, sua esposa, depois de muitas controvérsias, resigna-se a deixá-lo partir mais uma vez. Esta jornada decorre sem incidentes graves ou dignos de registo, sobre a pessoa ou as embarcações em que Philip viajou. O único acontecimento menos comum, que veio ao encontro do temores que atormentavam o jovem católico holandês, resultaram do facto de, no regresso, já após a passagem do Cabo, terem recolhido os naufragos de um navio que, supõe-se, terá sido afundado pela maldição de terem avistado o *Holandês Voador*. Entre os desventurados encontrava-se um padre português, que havia sido expulso do Japão, por se ter desavindo com as populações locais e não ser bem visto pelos holandeses que ali viviam na feitoria comercial. Durante a viagem, o padre português não deixa de contar, com alguma delonga e conhecimento de causa, os feitos dos portugueses, gabando-lhes o espírito messiânico de expansão do cristianismo, mas reconhecendo o seu historial de violências e crimes, nomeadamente no Japão, que ele relata longamente, sem deixar de referir a maior habilidade e ductilidade dos holandeses que, embora fossem cristãos (ainda que oficialmente não-católicos), conseguiram ali manter uma feitoria (pp. 86-88 [149-152]).

A amizade entre os dois foi tão forte que Philip o levou para sua casa, na Holanda, apresentando-o à comunidade católica da sua terra, incluindo o pároco católico local, que logo fez forte amizade com o

português. Ambos acabam por influenciar, de algum modo, a esposa do protagonista que, sem grande convicção, aceita participar nalguns ritos católicos. O seu amor pelo marido era tal que não só aceitou a conversão, algo forçada, mas que ela honestamente tentava assumir, como impõe ao marido acompanhá-lo na sua próxima viagem. Esta é anunciada por uma visita da personagem, até então dada por morta, no naufrágio do qual Philip julgava ser o único sobrevivente, o espectral ex-piloto, aparentando o ar sobrenatural de *morto-vivo* de miserável aparência. Como uma aparição fantasmagórica, surge na função de enviado da companhia de navegação a entregar uma convocatória ao protagonista, para embarcar como primeiro-oficial num navio, até ao Oriente.

Ainda desta vez Amina não parte com ele. Mais uma vez avistam o *Navio Fantasma* por alturas do Cabo. E o navio onde viajavam acaba por naufragar numa trágica sequência de acontecimentos, em que à catástrofe do naufrágio, provocado por um incêndio a bordo, se sucede a busca de salvação em jangadas e em que estas ficam, também, quase perdidas no mar. Acabam, no entanto, por chegar à feitoria do Cabo onde Philip já havia estado antes.

Como que recorrentemente, no seu percurso à cabeça do grupo que se salvou do navio naufragado por causa de um incêndio a bordo faz, de novo, a caminhada pelo mato selvagem do cabo, até à feitoria. Tudo se passa como se a maldição ali se tivesse fixado e os tormentos dos náufragos se repercutissem no imaginário lendário acerca da região, com ecos, ainda, na cultura dos nossos dias, como lembra Dália Dias a propósito do romance de Vasco Graça Moura, *O Naufrágio de Sepúlveda*:

O facto de esta obra ostentar um sem-número de referências culturais é um dado seguro. Enquanto isso, o narrador dá conta do que pensa da fortuna dos livros cheios de referências, sobretudo se falam muito sobre música. O problema não é o das referências, mas o de os críticos serem capazes de as descortinar e de as verem consagradas previamente. [...] A figura emblemática do Navio Fantasma, do Holandês, é extremamente importante neste contexto. Para além mesmo do conteúdo da obra, da lenda, é o seu criador que está em questão. Wagner ficou conhecido por ter praticamente feito falir o reino de Luís da Baviera. Como símbolo de naufrágios financeiros dificilmente encontraremos figura mais poderosa no mundo da música. Homem também de amores tumultuosos, com um génio avassalador e uma grande consciência disse: «Le monde me doit ce dont j'ai besoin. Je ne demande au

monde que de l'argent. Tout le reste je l'ai», afirmava Wagner. Este compositor romântico, ele mesmo um génio maldito, criou a ópera *Der fliegende Holländer*, história de um capitão amaldiçoado, errante eterno das tempestades, que só pôde ser resgatado pelo amor de uma mulher fiel até à morte.

Curiosamente, não é de imediato que o narrador percebe o nome da banda de jazz que integra Jos de Groot-Toe *Cape of Good Hope Flying Dutchman Jazz Band*. Esta ligação com o Holandês Voador é feita tardiamente por ele. Durante longas páginas há um equívoco que impede o acesso à chave interpretativa. Observe-se que é também um equívoco do mesmo género que o impede de identificar Mariana, que ele pensa ser Ana Maria e não Cerqueira, mas Sequeira. [...] Remete-nos este nome para outras navegações, para a expansão portuguesa marítima, para o naufrágio de outro Sepúlveda, outra Leonor que também cobria a nudez com as areias da praia. Boa Esperança foi, enfim, o nome que Portugal deu ao Cabo das Tormentas, ao extremo de África (Dias, 1995: 12-13).

No entanto, Marryat faz um percurso cultural mais amplo do que aquele que liga a passagem do Cabo, na zona austral de África, à corrida desenfreada, sem respeito pelo sagrado e pela ética, em busca do enriquecimento. Tendo saído do Cabo, da feitoria holandesa de Table Bay, integrado numa esquadra do seu país, com destino aos Países Baixos, o forçado destino encarnado nos interesses e necessidades do sistema comercial holandês acaba por encaminhar o herói para a ponta sul da América, sendo levado a chefiar os navios remanescentes da esquadra que se foi desfazendo, face às dificuldades náuticas de passar do Atlântico para o Pacífico.¹⁶

Depois de algumas peripécias de navegação que não interferiram no percurso da demanda, Philip consegue regressar a Amesterdão e reunir-se com a sua amada esposa que, entretanto, se tinha incompatibilizado com o padre Mathias por ter tentado recorrer às práticas mágicas que lhe permitissem vislumbrar onde se encontrava o seu marido e, se possível, ajudá-lo. Como resultado do

¹⁶ Lembremos que para muitos propagadores da lenda, é neste estreito que se dão os principais acontecimentos trágico marítimos que originaram a lenda do *Holandês Voador* e ligam-no ao nome de Bernard Fokke, navegador realmente registado na Companhia holandesa, e que terá desaparecido na travessia do Estreito de Magalhães. E essa deslocação do cenário para outra área geográfica acaba por arrastar para a lenda outro nome mítico, o de Davy Jones. Mas essa não é a única consequência, pois é nesse cenário de domínio espanhol que o desenvolvimento da pirataria dos flibusteiros se dá e, de algum modo, a continuação da viagem de Philip acaba por se desenvolver nessa dimensão pirática nos espaços terrestres e marítimos dominados pelos espanhóis.

desentendimento, o padre Mathias regressa a Lisboa – embora se saiba, um pouco adiante, que foi enviado como agente de evangelização para Goa.

A deslocação para esta cidade é importante porque é aí que Amine irá também parar, depois dos desaires de navegação que atingiram o navio em que embarcou com o marido, e onde reencontram o sinistro *morto-vivo* Schriften, que, aliás, mantém com Amine as melhores relações: no fundo, cada um de sua maneira, ambos estão em contacto com o mundo dos mortos. Essa amizade que se estabelece entre os dois permite que a repugnância que Philip sentia pelo fantasmático piloto diminua. De facto, no desenlace final da narrativa, Philip dialoga com Schriften, o que lhe permite compreender a adversidade daquele em relação ao bom sucesso de salvar o pai: ele tinha sido o piloto lançado ao mar pelo comandante do navio holandês, por se ter recusado a obedecer ao seu comando de forçar o navio a passar o Cabo. Torna-se, assim, o capitão, um condenado fantasmático, a dirigir uma nave também ela amaldiçoada, em consequência desse acto violento, sendo atingidos por essa maldição todos os que com ele estavam no momento da acção blasfematória, inclusive a própria vítima, que se manterá *morto-vivo para vingança*. Por essa razão o piloto agredido pretende roubar ao filho a relíquia talismânica que este deverá entregar ao pai para o libertar da maldição.

O diálogo, em que Philip manifesta a sua piedade pelo piloto, tornado um fantasmático maldito dos mares, atenua neste a sua adversidade e deixa espaço a que a acção de Philip se processe, e que seja possível o encontro entre as duas esferas de existência, em que os mortos e os vivos comunicam, e a maldição se apaga, desaparecendo, nela, também, o filho heróico.

É esse facto que vai permitir ser consumado o segundo acontecimento trágico relativamente ao destino do herói. O cumprimento da sua missão, finalidade suprema da demanda que efectuava, implicava o confronto de forças cósmicas de dimensão transcendente, de modo harmonioso, reconduzindo os amaldiçoados do navio fantasma, em definitivo, ao mundo dos mortos. É claro que, nesse acto redentor, dá-se a *catástrofe*: o filho, salvador, *propiciador* da entrada, dos entes, errante, como mortos, vivos, na morada dos mortos, perece com eles. Mas essa é uma situação que ele aceita resignado, como *repositor* da ordem cósmica.

Mas é a sequência trágica anterior, a *catástrofe* que decorre como grande ritual de impiedade e violência da Inquisição, o processo indutor para Philip obter a total disponibilidade de acompanhar o pai para o mundo dos mortos. Trata-se a da morte de Amine, em Goa, da qual o marido é informado. Esta tinha sido queimada pelas fogueiras da Inquisição, por denúncia do padre Mathias, pretendendo o religioso, com isso, salvar a alma da jovem esposa que sempre o acolheu com ternura e generosidade, na sua pequena localidade, na Holanda.

Parece-nos curioso que Marryat tenha tentado, na recolha dos vários fios da lenda, ou no entrecruzar de fios das várias lendas, colocar frente a frente as ideologias religiosas que estiveram presentes, como valores, no digladiar das nações europeias, incluindo Portugal, na expansão gananciosa para o Oriente. É claro que os ingleses e o seu anglicanismo nunca aparecem como matéria temática no romance. Confrontam-se católicos, calvinistas, vislumbra-se muçulmanos, feiticistas, mas a igreja inglesa nunca é chamada à cena. Curiosamente, há mesmo um exagero nessa ausência, porque as duas grandes potências triunfantes, no comércio marítimo, a partir dessa época, são a Inglaterra e a Holanda. Podemos admitir que não era importante para os valores que Marryat quis colocar no prosicínio: os da visão gnóstica, já desligada, em grande parte, das crenças dos séculos imediatamente anteriores, e o sopesar da maldição monstruosa, na epopeia da expansão imperial, do grande estandarte cristão, ainda que internamente dividido, no mínimo, para simplificar as coisas, entre católicos e não católicos. O discurso de Amine, pouco antes de perecer na fogueira, é um golpe final nas ideologias religiosas oficiais através da denúncia, quase em dimensão alegórica, do funcionamento da Inquisição.

A descrença está no auge da sua argumentação contra um conjunto de liturgias e rituais que se mantinham pilares auxiliares, ainda com muita resistência, dos conjuntos institucionais que eram os apoios de base dos poderes estatais europeus. Além disso, a um nível mais popular, mas não totalmente imerso na ignorância, a adesão a um *espiritualismo* que, muitas vezes, se manifestava como um *espiritismo*, até mesmo de matriz materialista, fazia-se sentir.

Há, nas novas crenças populares, um certo triunfo do *teosofismo*, das suas afirmações de uma determinada materialidade da alma, da aceitação conjectural do vaguear das almas penadas entre as deambulações dos vivos, da presença, no nosso mundo, de entidades

regressadas dos espaços da morte. A literatura romanesca da época, na Europa e nos EUA¹⁷, numa das vertentes de maior acolhimento popular, *o gótico*, jogava com as intrigas em que as visões e as concepções do mundo oscilavam entre as explicações extraordinárias e aquelas em que as visões das almas do outro mundo eram apenas formações fantasmáticas dos nossos medos, das nossas vontades, dos nossos desejos, ou mesmo dos nossos arrependimentos.

Em nosso entender, a leitura dos indícios culturais feita por Marryat no seu *Navio Fantasma*, ou do *Der fliegende Holländer* wagneriano, ou da “Rime of the Ancient Mariner” de Coleridge, ou seja, a proposta mítica que estas e outras obras aparentadas fornecem é, de facto, a leitura paranóica de um grande fantasma a que fomos chamando *descobertas*, *evangelizações*, *interacções mercantis* e *ocupações imperiais*. O subtítulo ou a designação genológica que, como *peritexto*, tem acompanhado o título, *The Phantom Ship* é, exactamente, *Gothic Novel*. O que coloca o texto, numa formulação de agrado popular, a jusante desse caudal gigantesco, misto de melancolia e mal-estar, difusamente espalhado nos vários colectivos das nações europeias e americanas, como uma má-(in)consciência, uma inquietação profunda. É ela o indício do discurso que pretende *denegar*¹⁸ a perfídia que foi todo o processo de expansão, conquista e ocupação de territórios habitados por povos considerados, outrora, filhos de Deus a precisarem, apenas, de alguns ensinamentos cristãos¹⁹ e a quem, hoje, não se nega a plena humanidade, mas que se mantêm, na continuidade da situação pós-colonial, sem horizontes claros de como atingir a plena fruição dos direitos básicos do que a comunidade internacional, nos seus discursos iluminados, racionais e humanistas, considera proclamável, em directa evocação da Declaração Universal

¹⁷ Prosper Mérimée, em França (depois de Sade, claro), Gustavo Adolfo Bécquer em Espanha, Mary Ann Radcliffe, em Inglaterra, Camilo Castelo Branco em Portugal e, na Alemanha, E. T. A. Hoffmann, poderiam ser exemplos maiores da prática ou da aproximação a esse género, em que à exigência luminosa do realismo se vinham acrescentar (ou opor, ou jogar e conjugar) as sombras e a trevas do mistério, na prática da ficção, na Europa. Na América basta-nos um nome: Edgar Allan Poe!

¹⁸ Insistimos, aqui, com o sublinhado, no sentido freudiano do termo tal como o enfatiza O. Mannoni em *Clefs pour l'imaginaire ou l'autre scène*, no capítulo “Je sais bien, mais quand même...”, mostrando quanto de fantasioso existe no imaginário da ideologia quando esta procura dar conta da harmonização do ideal ético com a brutalidade do poder que serve a ambição.

¹⁹ A *Carta* de Pêro Vaz de Caminha é disso um belo exemplo.

dos Direitos do Homem, aprovada pela Assembleia Geral da ONU em 10 de Dezembro de 1948.

Bibliografia

- Botting (1996): Fred Botting, *Gothic*, London, Routledge.
- Brito (1973 [1736]): Bernardo Gomes de Brito, *História Trágico-Marítima*, Lisboa, Afródite.
- Dias (1995): Dália Dias, "Sepúlveda, Deriva de Leitura e Outros Naufrágios", Campinas, *Est. Port. Afric.*, nº 25/26, pp. 5-19. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/epa/article/view/5448>.
- Eliade (s/d [1960?]): Mircea Eliade, *O Sagrado e o Profano*, Lisboa, Livros do Brasil.
- Furtado (1980): Filipe Furtado, *A construção do fantástico na narrativa*, Lisboa, Horizonte.
- Génette (1972): Gérard Génette, *Figures III*, Paris, Seuil.
- Guerreiro (1997): Luís Ramalhosa Guerreiro, *O grande livro da pirataria e do corso*, Lisboa, Temas e Debates.
- Jorge (2001): Carlos Jorge Figueiredo Jorge, *Figuras do Tempo e do Espaço*, Lisboa, Ulmeiro.
- Lanciani (1979): Giulia Lanciani, *Os Relatos de Naufrágio na Literatura Portuguesa dos Séc. XVI e XVII*, Lisboa, Biblioteca Breve/Instituto de Cultura Portuguesa.
- Lévy (1995) : Maurice Lévy, *Le Roman «gothique» anglais 1764-1824*, Paris, Albin Michel.
- Mannoni (1969) : Octave Mannoni, *Clefs pour l'imaginaire ou l'autre scène*, Paris, Seuil.
- Margarido (1977) : Alfredo Margarido, "La multiplicité des sens dans l'écriture de Fernão Mendes Pinto et quelques problèmes de la littérature de voyages au XVIe siècle", Paris Arquivos do Centro Cultural Português, Gulbenkian, 159-199, vol. II, parte I, Lisboa, Gradiva/Público.
- Martins (2011): José Cândido de Oliveira Martins, "História Trágico Marítima" pp. 10-16, in Vítor M. Aguiar e Silva (Org.), *Dicionário de Luís de Camões*, Lisboa, Leya.
- Marryat (2018 [1839]): Capt. Frederick Marryat, *The Phantom Ship – A Gothic Novel*, USA/, Middletown, DE/Amazon.²⁰

²⁰ Foi também utilizada a edição online em <http://library.umac.mo/ebooks/b32134939.pdf> que parece estar na origem da edição em

- Pinto (1989): Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, vols. I e II, Lisboa, Afrodite.
- Praz (1977[1966]): Mario Praz, *La chair, la mort et le diable dans la littérature du XIXe siècle*, Paris, TEL/Gallimard.
- Ribeiro (1992): Aquilino Ribeiro, *Portugueses das Sete Partidas*, Lisboa, Bertrand.
- Saraiva (1996): António José Saraiva, *Para a História da cultura em Portugal*, 2 vols., Lisboa, Gradiva.
- Spooner (2006): Catherine Spooner, *Contemporary Gothic*, Londres, Reaktion Books.
- Todorov (1970a): Tzevetan Todorov, "Introduction", in *Histoires de Fantômes de Henry James* (edit. bilingue), Paris, Aubier/Flamarion.
- Todorov (1970b): Tzvetan Todorov, *Introduction a la litterature fantastique*, Seuil, Paris.
- Vax (1979): Loouis Vax, *Les chefs-d'oeuvre de la litterature fantastique*, Paris, PUF.

papel editada pela Amazon. Não tivemos acesso a uma edição mais fidedigna, pelo que utilizámos estas que, ao que parece, são as únicas a reemergir de um esquecimento de quase um século a que a obra foi votada pela actividade editorial.